



---

## A Ciência no Jornal Nacional: Uma análise quantitativa e qualitativa<sup>1</sup>

Eutalita Bezerra da Silva<sup>2</sup>

Isaltina Maria de Azevedo Mello Gomes<sup>3</sup>

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

### RESUMO

Este artigo tem por objetivo promover uma análise quantitativa e qualitativa da divulgação de ciência realizada pelo Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão, tendo por base a apreciação de cinco edições do referido telejornal. Neste estudo procurou-se entender de que maneira os temas de divulgação científica são abordados, e se estes são capazes de promover uma cultura científica no telespectador. Utilizou-se uma metodologia de natureza quantitativa, inicialmente, para que se observe a frequência em que a ciência aparece no Jornal Nacional, se posta em analogia com os temas expostos nas demais editorias. A seguir, foi feita uma análise das estratégias discursivas utilizadas nestas matérias científicas. Com base nos resultados obtidos, foi possível visualizar a linha editorial que rege a divulgação científica no Jornal Nacional.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise do Discurso; Cultura Científica; Divulgação Científica; Telejornalismo.

### INTRODUÇÃO

A televisão, por abarcar um público grande e diverso, articula seu discurso de maneira a aproximá-lo de seus telespectadores. Zamboni (2001) defende que, ao rearticular o discurso do pesquisador, o jornalista estaria criando um novo discurso, específico e autônomo. Esta exposição está ancorada, segundo a autora, no pensamento Bakhtiniano:

"Para falar, utilizamo-nos sempre dos gêneros do discurso, em outras palavras, todos os nossos enunciados dispõem de uma forma padrão e

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

<sup>2</sup> Aluna de graduação do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pernambuco. Email: eutalita@gmail.com

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pernambuco, bolsista CNPq, email: isaltina@gmail.com



relativamente estável de estruturação de um todo." (BAKHTIN, 1979, p.301)

O telejornalismo, tido como o principal responsável por atualizar a população com as informações relativas aos fatos cotidianos, conforme Andrade (2004, p. 38), tem mantido como um de seus pilares a divulgação de temas da atualidade, dentre os quais a divulgação científica. O tema ligado à ciência é rearticulado no jornalismo, mas mantém suas características primárias enraizadas à cultura científica de sua gênese, visto que são apreciações distintas do objeto.

“O discurso da divulgação científica tem sua vertente no discurso da ciência, mas também está inserido no discurso jornalístico. Como tal é um produto híbrido que tem alguns atributos de sua linguagem. Isto pode gerar uma contradição” (EPSTEIN, 1997 *apud* TEMER, 1999, p. 06)

A necessidade de se criar uma cultura científica através da popularização dos temas concernentes ao assunto é latente.

O interesse pela popularização do conhecimento científico e tecnológico agora agregado com a inovação – visto que o leitor começa, finalmente, a ser reconhecido como estratégico para o desenvolvimento nacional e melhoria da qualidade de vida -, pode ser contabilizado pela inserção cada vez mais frequente de temas jornalísticos nos telejornais brasileiros. (CALDAS, 2004, p. 65-66)

Pressupõe-se, para este estudo, que a divulgação científica é inerente à sociedade e ainda se mantém hermética, num círculo de pares, e distante do grande público. Desta maneira, o presente artigo busca analisar de que maneira se dá a divulgação de conhecimento científico a partir da análise de cinco edições do Jornal Nacional, como também entender como se constrói o discurso rearticulador do jornalista frente ao tema pesquisado, visto que as linguagens utilizadas pela Ciência e pelo telejornalismo são bastante distintas.

A redação do texto científico segue normas rígidas de padronização e normatização universais, além de ser mais árida, desprovida de atrativos. A escrita jornalística deve ser coloquial, amena, atraente, objetiva e simples. (OLIVEIRA, 2002, p. 43)



Na tentativa de oferecer uma informação pormenorizada, fatalmente o jornalismo se apóia no superficial ao prover divulgação científica a seus espectadores. Noutras vezes, o discurso jornalístico não consegue tornar a linguagem científica apetecível ao grande público. Há ainda o fato de que a divulgação de ciência pela TV, em grande parte, perde em contextualização ou promove a ciência de maneira sensacionalista.

Assim, o que se pretende com este estudo é analisar de maneira quantitativa e qualitativa a divulgação de Ciência pelo jornal nacional e, dentro deste espaço, entender como se rearticula o discurso científico no meio jornalístico. Ademais, se busca estudar a maneira como a ciência é divulgada para o telespectador, como se estrutura a matéria, se há inserção do pesquisador e do público, qual o lugar de fala do jornalista, além de se inquirir acerca da presença ou ausência do discurso polifônico, de Bakhtin. Este artigo “A Ciência no Jornal Nacional: Uma análise quantitativa e qualitativa” é um recorte do projeto “Divulgação científica e telejornalismo brasileiro”, que objetiva comparar a cobertura de Ciência e Tecnologia em emissoras públicas e privadas.

## **METODOLOGIA**

A análise exposta neste artigo refere-se à apreciação de cinco edições do Jornal Nacional, com aproximadamente 40 minutos cada, sendo uma de cada mês, no período de novembro de 2009 a março de 2010. Nesta primeira fase, foi feita uma contabilização da quantidade de matérias de cunho científico exibidas no telejornal e o resultado comparado às reportagens das demais editorias. Para sistematização dos resultados, foi utilizada a desconstrução do jornal em espelhos, no qual se verificou a editoria a que pertenciam as inserções exibidas pelo Jornal Nacional, o tempo a elas destinado e o cunho científico destas matérias. As matérias notadamente de ciência obedeceram a cinco categorias, são elas:

- *Pesquisa como foco*: Nesta abordagem, a pesquisa é o mote da matéria. Esta se desenvolve na tentativa de descrever o estudo científico, detalhando-o para o telespectador, não somente se focando nos resultados, mas dando atenção também à metodologia.



- *Pesquisa como gancho*: A pesquisa surge como meio para chegar a determinado assunto. Não há elucidação sobre seu desenvolvimento, sendo a pesquisa, somente, um sustentáculo para a matéria.
- *Curiosidades*: Diz respeito a fatos inusitados, que provoquem pelo caráter extraordinário e que estejam contidos na esfera da ciência.
- *Evento Científico*: trata-se de categoria referente a encontros (Reuniões, conferências, simpósios, seminários) que tratem de temas concernentes à ciência.
- *Outros*: Inserções científicas que não se encaixam em quaisquer das outras categorias.

Num segundo momento, o estudo concentrou-se na questão discursiva das matérias de ciência exibidas pelo telejornal. Como aporte teórico foram utilizados Maingueneau e Chreaudeau (2006), e a Análise Dialógica do Discurso, com Bakhtin (1929 [1981], 2003, 2004), além dos temas Jornalismo, Telejornalismo, Jornalismo Científico e Divulgação científica (ALBERGUINI, 2007; ANDRADE, 2007; EPSTEIN, 2002; GOMES, 1995, 2000, 2005; ZAMBONI, 2001).

## ANÁLISE QUANTITATIVA

Com onze (11) inserções de ciência – número maior que aquele destinado a matérias das editorias de economia, serviços, segurança, meio ambiente e cultura, o Jornal Nacional abordou a divulgação da ciência em quatro das cinco edições analisadas. Na edição de novembro, quatro inserções foram exibidas, sendo uma matéria de 1 minuto e 30 segundos, uma nota coberta, de 15 segundos. Posteriormente uma nota pelada, de 30 segundos e uma matéria de 2 minutos e 10 segundos foram exibidas. O jornal escolhido para análise do mês de dezembro teve três matérias científicas, sendo uma matéria de 1 minuto e 50 segundos, outra de 2 minutos e 30 segundos e uma terceira, de 5 minutos e 12 segundos.

A edição representante do mês de janeiro contou com uma inserção em formato de matéria, com duração de 2 minutos e 5 segundos, a posterior. O que pode ser visto na edição representante do mês de fevereiro foram duas menções à ciência, numa matéria de 1 minuto e 50 segundos e outra de 2 minutos e 45 segundos. Na edição do mês de



março, selecionada aleatoriamente para análise, havia apenas uma inserção científica de 1 minuto e 25 segundos.

Se comparado a algumas das demais editorias (ver tabela 1), a divulgação de ciência no Jornal Nacional aparece em número pouco expressivo, porém as análises mostraram um quadro mais solícito. As inserções de Economia, por exemplo, aparecem oito vezes, três a menos que as menções à Ciência. Porém, foi contabilizado que se destinou 6 minutos e 56 segundos dos cinco jornais analisados à editoria de Economia, enquanto 20 minutos e 53 segundos destas edições foram dedicados à divulgação de matérias de cunho científico.

| <b>Editorias</b> | <b>Inserções</b> |
|------------------|------------------|
| Cotidiano        | 36               |
| Economia         | 08               |
| Política         | 13               |
| Esportes         | 19               |
| Meio Ambiente    | 04               |
| Serviços         | 03               |
| Segurança        | 03               |
| Cultura          | 02               |
| Ciência          | 11               |

Tabela 1: Presença da Ciência e demais editorias no Jornal nacional

Com relação à grande disparidade em analogia com matérias relacionadas à editoria de Cotidiano, faz-se necessário trazer que o Jornal Nacional está ancorado num caráter essencialmente factual, no qual os temas ditos “de atualidade”- onde reside boa parte da Ciência - atuam como apoio, conforme Bonner (2009, p.19):

Os temas de atualidade são um apoio muito bem-vindo – e a importância deles reside no fato de que o espectador compreenda fenômenos, acontecimentos contemporâneos, dentro do contexto em que se dão.



---

## ANÁLISE QUALITATIVA

Nesta etapa, analisou-se cada inserção científica exibida no Jornal Nacional, destacando-se seus aspectos discursivos e a estrutura dada à matéria. Na edição do dia 11 de novembro, a matéria exibida dizia respeito a um estudo que admitia uma provável cura para a leucemia. Nesta inserção, a arte era preponderante para o entendimento do que estava sendo explicado pelo jornalista, uma vez que não era possível modificar determinadas expressões de cunho científico. O pesquisador não apareceu frente à câmera, mas a pesquisa teve sua metodologia esmiuçada, inclusive com a inserção de metáfora para melhor abarcar o sentido pretendido. Exibiu-se ainda, nesta edição, nota sobre estudo que mostra a diminuição no desmatamento da Amazônia.

Outra matéria exibida mostrava o dia-a-dia de pais que não conseguem acompanhar o desempenho de seus filhos na escola. Um estudo apareceu como foco da matéria, no qual se destacou essa situação existente em cada vez maior número. O repórter mesclou humanização com as estratégias para desenvolvimento do estudo, de modo que a matéria ficou completa e detalhada.

Com relação à edição de 08 de dezembro, a primeira matéria exibida tratava, novamente, de estudos que visavam à cura do câncer. Inicialmente houve o detalhamento do estudo realizado com o café, no qual se explicava como se dava esta cura, sem descrever a metodologia utilizada pela pesquisa. O cientista não participou, mas houve a humanização do discurso, com a inserção de diversos personagens. Dentro desta matéria, o Jornal Nacional trouxe mais um estudo, no qual a prevenção do câncer está ligada à prática de exercícios físicos. Mais uma vez o cientista não foi ouvido pela matéria. Em ambas, a linguagem utilizada foi essencialmente descritiva, e facilitou o entendimento do assunto.

Ainda nesta edição, mais uma matéria de cunho científico foi veiculada, desta vez tratando do derretimento de regiões polares. A matéria é novamente humanizada com a presença de pessoas que vivem na região, contrapondo-se as fotos que ilustravam os estudos científicos e que mostravam o derretimento do gelo em regiões desabitadas. Pesquisas anteriores são utilizadas, ainda, para facilitar o entendimento da questão. Algo que chamou a atenção nesta matéria foi o caráter apocalíptico utilizado, o qual aponta para uma catástrofe “caso nada seja feito”.



Um estudo sobre as mortes causadas por policiais aparece na terceira inserção de ciência desta edição. Mesmo tendo metodologia desenvolvida sobre assunto brasileiro, visto que os assassinatos estudados foram cometidos pelas polícias do Rio de Janeiro e de São Paulo, o estudo é internacional. A matéria relata os resultados das pesquisas, mas não explica como se deu o estudo. Ao fim da reportagem, o jornalista citou que o governo do RJ mostrou-se contrário à metodologia utilizada pelo instituto que fez a pesquisa. Esta informação foi considerada falha por este estudo, já que nada havia sido citado sobre como se deu a questão metodológica aplicada à pesquisa, deixando o telespectador carente de informação.

Na edição do dia 25 do mês de janeiro, a matéria inserida teve novamente relação com o câncer. Desta vez, um estudo brasileiro sobre o câncer de pele, na qual houve descrição do aparato metodológico utilizado, além de uma explicação detalhada sobre como se deu a descoberta científica. A linguagem utilizada pelo jornalista deu um caráter de serviço à matéria, explicando ao telespectador o que fazer caso precise do tratamento. O pesquisador não apareceu.

Um estudo sobre o avanço do mar na Paraíba foi uma das matérias de ciência exibidas na edição de 20 de fevereiro. A matéria é contextualizada, conta com a presença de especialista e cita o estudo e seus resultados, comparando-os com outros obtidos há 50 anos. De fácil entendimento, o jornalista conduz a matéria se apoiando em analogias, porém não há detalhamento da metodologia utilizada no estudo atual.

Ainda na edição de fevereiro, mais um estudo brasileiro, na qual um pesquisador desenvolveu aparelho capaz de definir capacidade física através da análise das digitais. Esta pesquisa apresenta diversos personagens e o pesquisador descreve bastante o desenvolvimento da pesquisa, esmiúça conceitos desconhecidos do grande público e a aplicabilidade de seus resultados.

A edição de 08 de março tem apenas uma inserção de ciência, a qual trata de um estudo que comprova o vazamento de metano nos mares da Sibéria. A pesquisa é tratada superficialmente e, novamente, há um caráter apocalíptico na estrutura do discurso utilizado pelo jornalista.



Na maioria das matérias foi possível perceber a presença da encenação, descrita na Análise do Discurso francesa (MAINGUENEAU; CHAROUDEAU. 2006, p.114). Essa estratégia serve para criar um ambiente de credibilidade entre telespectador e pesquisador. Outro ponto de interesse nas matérias divulgadas pelo Jornal Nacional é o fato de se aproximarem do público, buscando mostrar o tema ciência como parte de sua vida.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Pautado no factual, o Jornal Nacional soube dar o devido aporte à divulgação científica, ainda que peque pela superficialidade, em certos momentos. O número de inserções de ciência não foi surpreendente, mas o tempo a elas destinado foi satisfatório.

As matérias de ciência veiculadas pelo JN, além de bem apuradas, oferecem aportes capazes de provocar o interesse do público, dentre estes se destacam os recursos visuais que ilustram as matérias científicas. Percebeu-se, porém, que há falta de matérias de peso assentadas em temas e pesquisadores nacionais.

A ciência no telejornal estudado apareceu como verdade absoluta. O pesquisador, quando teve voz, descreveu seu trabalho e teve total respaldo do jornalista, que se propôs apenas a detalhar a pesquisa ou a humanizá-la. A humanização, por sua vez, foi responsável pela inserção do tema na vida do homem comum, por mais distante que esta realidade se fizesse.

Com base na análise das cinco edições do jornal, foi possível perceber que a divulgação científica no Jornal Nacional traz aos expectadores a possibilidade de construção de uma cultura científica. O telespectador bem informado terá um maior entendimento de mundo e visualização do seu papel de cidadão, corroborando assim com o que se propõe o jornalismo informativo.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALBERGUINI, A. C. **A Ciência nos Telejornais Brasileiros (o papel educativo e a compreensão pública das matérias de CT&I)**. Universidade Metodista de São Paulo: São Bernardo do Campo, 2007.





ANDRADE, L. V. B. **Iguarias na hora do jantar: o espaço da ciência no telejornalismo diário**. Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2004.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo, Hucitec. 1981 [1929].

BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BONNER, W. **Jornal Nacional: modo de fazer**. São Paulo: Globo, 2009.

CALDAS, Graça. **O poder da divulgação científica na formação da opinião pública**. In: MORAIS DE SOUZA, Cidoval. (org.). **Comunicação, ciência e sociedade: diálogos de fronteira**. Taubaté/SP: Cabral editora e Livraria Universitaria, 2004.

EPSTEIN, I. **Divulgação Científica: 96 verbetes**. Campinas, Pontes. 2002.

EPSTEIN, I. Os possíveis efeitos negativos devido à publicação prematura de notícia inesperada ou “novidade” na divulgação científica em medicina- o caso da bactéria Chlamydia. Comunicação e Sociedade, n.11. São Bernardo do Campo: UMESP, 1997.

GOMES, Isaltina Maria. A. M. **Dos laboratórios aos jornais: um estudo sobre jornalismo científico**. Dissertação de Mestrado. Recife: UFPE, 1995.

GOMES, I. M. A. M. **Características discursivo-textuais de Ciência Hoje**. Tese de Doutorado. Recife [PE]: UFPE, 2000, 320p.

GOMES, I. M. A. M.; SALCEDO, D. A. **A divulgação científica nos jornais impressos em Pernambuco**. In.: Jornada de Iniciação Científica, 9, 2005a, Recife. Anais, Recife: FACEPE/CNPq, 2005a, p. 541-542.

GOMES, I. M. A. M.; SALCEDO, D. A. **A divulgação da informação científica no Jornal do Commercio**. *Icone*, Recife [PE]: UFPE, 2005, v. 1., n. 8., dez. 2005b, p. 80-88.

HERNANDO, Manuel Calvo. **Periodismo Científico**. Madrid: Paraninfo, 1992.



LEÓN, Bienvenido. **El documental de divulgación científica**. Barcelona: Paidós Ibérica, 1999.

OLIVEIRA, F. **Jornalismo Científico**. São Paulo: Contexto, 2002.

VIZEU, Alfredo Eurico. **A sociedade do telejornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008.

ZAMBONI, Lilian Márcia Simões. **Cientistas, Jornalistas e Divulgação Científica – subjetividade e heterogeneidade no discurso da divulgação científica**. Campinas: Autores Associados, 2001.

TEMER, A. **Brincando nos campos do saber - Uma análise exploratória dos espaços dedicados a divulgação científica no horário nobre da televisão de São Paulo entre 1965-1995**. São Bernardo do campo: 1999.